WALFREDO LUZ

HOLOCAUSTO MUNDAÚ



COCO
LOBO-GUARÁ

HOLOCAUSTO MUNDAÚ

“O projeto é realizado com recurso da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), do Governo Federal, por meio do Ministério da Cultura (MinC), operacionalizado pelo Governo de Alagoas, através da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa (Secult).”

WALFREDO LUZ

HOLOCAUSTO MUNDAÚ

2ª edição

LOBO-GUARÁ

Viçosa-MG-2026

Todos os direitos desta edição reservados à Lobo-guará editora
Rua Horácio Borges, 265 - 301 Santa Clara / Viçosa / MG 36572-106

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

Projeto Editorial
Lobo-guará editora
Coco Nuclear

Revisão e Edição
Mariana Montenegro

Projeto gráfico, diagramação e capa
Antônio dos Santos

Arte da capa
André Leão
(Obra Favela Soul, pintura em guache sobre papel, Ano 2025.)

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)

L979h
2026

Luz, Walfredo, 1963-
Holocausto Mundaú / Walfredo Luz. - 2. ed. - Viçosa, MG : Lobo-guará editora, 2026.
96 p. : 21 cm
ISBN: 978-65-84128-10-1
1. Poesia brasileira. 2. Poesia. 3. Conto. 4. Crônica. 5. Mundaú. 6. Quebrada. 7. Fulniô. 8. Abismo. 9. Caos. I. Título

CDD 22. ed. B869.1

Ficha catalográfica preparada
por Fabiene Cristina da Silva Reis - CRB-6/2975

Siga a Lobo-guará:
www.loboguaraeditora.com.br
@loboguaraeditora

As presentes pedradas poéticas são dedicadas aos indivíduos desvalidos e esquecidos nesse mundo cão!

Sumário

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO 12
PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO 13
APRESENTAÇÃO 15
EU SOU 17
NÃO ME LEVE EMBORA 17
QUEBRADA 18
MESTRE DA JUVENTUDE 18
BAIXADA 19
MUITO LOUCA 19
MALANDRO MUNDAÚ 20
HOLOCAUSTO MUNDAÚ 20
PAPA-MEL 21
FILHOTISMO 21
PEDRA-LIXO 22
O PALHAÇO 22
FAMINTO 23
BECOS E VIELAS 23
SONETITO DE SURURU 24
OTÁRIO-MALAQUIA 24
BRANQUINHO? 25
PRETINHO? 25

AMARELO? 26
VERMELHO? 26
VADIA-MENTE 27
INSONE-CLARÃO 27
BARTOLOMEU E A VAMPIROSCA 28
PROLE 28
ACADEMIA MONÁSTICA 29
ACADEMIA BOMBÁSTICA 29
CALA-TE-BAR 30
NISE 30
MARIONETE 31
JARAGUÁ 31
FUZIS DE FLORES 32
AMIZADE 32
EMBRUTECIMENTO OU EMBURRECIMENTO? 33
O LIVRO 33
STF (Superior Tribunal dos Fodidos) 34
CANNABIS 34
FLUINDO 35
AFLORANDO 35
FIDELIDADE 36
PSICOTRÓPICOS 36
INTOLERÂNCIA DOS SANTOS 37
INTOLERÁVEL DEUS-HOMEM 37
H-FOBIA 38
VELHOFOBIA 38
GUETO 39
FAMÍLIA 39
A LAGOA 40

SANTO 40
PEDANARTES 41
SOMBRA 41
VELHACO 42
SOLIDARIEDADE 42
LUZ, CÂMERA... AÇÃO! 43
MANCO 43
NETO 44
ARTISTA 44
PELEGO 45
LIXO PR'ALMA 45
CORUJA-ANTENA 46
CAMPO 46
CAIÇARA 47
FULNIÔ 47
E DAÍ? 48
FÉ 48
CARTEIROS NAS RUAS 49
DÚVIDA 49
NA REDE 50
NEVASCA 50
NEM TODO PASTOR É SACANA 51
JESUS 51
ZAPATA 52
CAVERNA DOS ANJOS 52
FEIRA LITERÁRIA 53
B.R.A.S.I.L. 53
MISSA 54
OLHOS RASGADOS 54

SAPATO 55
CONTAMINAÇÃO 55
LÍQUIDO VISCOSO 56
ZUMBI 56
FOLIA EM ROMA 57
BURUÇU ARRETADO 57
FUMO 58
MASSA FALIDA 58
TIGRESA 59
PAPA 59
VIBRAÇÃO ANIMAL 60
CONFRARIA 60
TEVEDUCAÇÃO 61
ÉBANO 61
MARFIM 62
HUMANO 62
MISSISSIPI OU MUSSISSIPI? 63
PUNK OU PANQUE 63
CRIAS 64
DIVERGÊNCIAS 64
A BOLA 65
MINHA TERRA 65
VERMELHOS 66
GOGÓ DA EMA 66
MANDÍBULAS AFIADAS 67
DORALICE 67
QUINTAL 68
GARRINCHA NÃO É MANÉ 68
COROA DE FLORES 69

MALOTE SEM DINHEIRO 69
OLHOS DE ÁGUIA 70
DESTROÇOS 70
SENTA O DEDO 71
BOLÃO MALUCO 71
DOIS LEÕES 72
QUEIXUME 72
LÍRIOS 73
NIÓBIO .....
73
ÍNDIA 74
KAMASUTRA 74
BRECHA: O INTELECTUAL 75
REDOMA 75
REDEMOINHO 76
MULUNGU 76
TURMA DO PEIXOTO 77
OSTRACISMO 77
NÃO SOU INGLÊS 78
CANSAÇO 78
LAMBE PALCOS 79
LAMBE-BOTAS 79
ELITE 80
CLASSE MÉDIA 80
METIDO A RICO 81
VOTO MINERVA 81
CADELA RACIONAL 82
SETE A UM 82
SÓIS DE BRANCAS TREVAS 83
HECATOMBE 83

LIVROS 84
THALIA 84
EXPURGO GENEROSO 85
AURORA SANGRENTA 85
POETA INCANSÁVEL 86
GARGANTA PROFUNDA 86
ARAGUAIA 87
FURNAS 87
A ARTE DE UMA SÓ 88
ELZA 88
QUEM PARIU MATHEUS? 89
FARC (Força Armada da Real Camarilha) 89
NATAL 90
PROFANAÇÃO 90
MANTA FUNESTA 91
FESTA DE LOUCOS 91
POETA DE RUELAS 92

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

Holocausto Mundaú, de Walfredo Luz, retorna ao público em sua segunda edição revisada, reafirmando a força da poesia como memória, denúncia e resistência.

Com versos intensos e provocadores, a obra atravessa temas como desigualdade, identidade coletiva e permanência cultural, transformando a palavra em reflexão social e expressão das margens urbanas e afetivas de Alagoas.

Além da nova edição impressa, o projeto contará com versão digital acessível e audiolivro, ampliando o acesso à literatura independente alagoana e fortalecendo a democratização da cultura.

A republicação foi aprovada no **2º Ciclo da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB Alagoas 2026)**, reafirmando a importância do incentivo público à produção literária e à preservação da memória cultural.

Que esta nova edição alcance novos leitores e mantenha viva a potência poética e social desta obra.

Cynira França
Produtora Executiva
Coco Nuclear – Incubadora de Projetos Culturais e Socioambientais

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

O que é o tempo? Grandeza contínua dividida em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. Observo que o tempo está escasso. Não conseguimos mais dimensionar os nossos espaços devido à velocidade estonteante imprimida por ele, o tempo. Chega a nos faltar ar. Não falo do tempo externo, esse é o mesmo há milênios, mas me reporto ao tempo interior.

A Literatura, em todos os seus gêneros — poesia, romances e crônicas — talvez seja a única janela da arte que propicia ao humano o seu momento de introspecção e convívio solitário com o seu verdadeiro ser. Nesse sentido, a obra de Walfredo Luz abre janelas e portas, constrói caminhos que nos levam ao encontro com o Eu. O Eu real, às vezes fatal, animal ou primal. Holocausto Mundaú faz pensar, refletir e compartilhar o sentimento de ser melhor e mais humano em um mundo tão dividido entre o medo e a razão — antagônicos na luta pela vida.

A obra se apresenta como um contar histórias repletas de cheiros, gostos e sons. A visão fica por conta de quem a lê e constrói ambientes imagináveis: o morro, a cidade, o deserto, a cama dos amantes, os rios, as matas, o açoite em um terreiro, a destruição e a criação. Arrisco-me a dizer que o autor é criador e criatura. Um rebelde com causa: inconformado, ele grita em cada linha o desamor escancarado do preconceito dos humanos pelos humanos. Questiona a vida e cobra o retorno do investimento mais sublime e compensador da existência: o amor; renega o ódio, ri das agruras e dos tropeços. O autor se desnuda como um menino na chuva, mas veste a farda do homem guerreiro e clama, chamando todos à luta.

Em Holocausto Mundaú, como um passarinho que busca o melhor fruto, o autor se indigna com a matança das árvores e o desmando com a natureza. É o discurso do índio que mora nela. Negros, brancos, mestiços, nada escapou ao olhar atento de alguém que observa minuciosamente o viver, chegando a incomodar os arroubos de intolerância contra o que é certo ou errado. Dá para sentir o dedo em riste cobrando e exigindo ação: você não vê? Eu sei. Eu digo: eu acredito que essa é essência do ser humano Walfredo Luz.

Wilma Arruda - Jornalista

APRESENTAÇÃO



Holocausto Mundaú, de Walfredo Luz, é um passeio imaginário pelos guetos, vilas, grotas e favelas: mazelas de uma sociedade individualista e mesquinha. A leitura pode parecer um mergulho na lagoa interior, poluída e escassa; um nadar e afundar na "Lama-Mundaú" que habita em nós; um chafurdar no caos e sentir-se "Sururu", uma breve impressão de solidão coletiva, cada sururu cuidando do seu capote.

Em cada "Quadra", há presença de muitas esquinas periféricas, cheias de violência, exclusão, preconceito, revolta e grito, denunciados aqui através de palavras ritmadas pelo tambor do peito. E, assim, o autor segue dando voz a uma maioria rotulada de minoria, que caminha em marchas solitárias nos guetos, na contramão da revolução desalmada em curso.

Para se erguer e lutar diante do Caos em que a vida se apresenta, continua o autor utopicamente desenhando pensamentos e paisagens periféricas. Suas palavras dão vida, ritmo e som a cada quadra/poema; seu pincel/caneta tem cor de lama e do sangue derramado dos inocentes, dos excluídos, dos miscigenados ou não... As palavras perfuram como balas, só que essas não são perdidas, mas são endereçadas ao individualismo, à ganância e à corrupção.

A arte parece ser a única centelha de fé que o alimenta a escrever, entre tragos e goles de café, uma draga que lhe ocupa os pensamentos e desemboca no frio papel...

Passear pelo olhar do autor nos permite ver que essa maioria é boa parte de nós, "Sururus" arrancados da lama, não como forma de resgate, mas para sermos servidos como um dos pratos saboreados na ceia da minoria poderosa e intocável dos três poderes fétidos que já nasceram com o propósito antropofágico de nos devorar.

O autor retrata um quadro nefasto, no qual negros, índios, mulheres, homossexuais, crianças, trabalhadores, marginais e marginalizados são devorados todos os dias pelo sistema. Todos são vítimas da violência exacerbada causada pela ausência de políticas afirmativas e inclusivas que diminuam a desigualdade social, uma guerra velada, na qual as principais armas são o preconceito, a intolerância e o ódio gratuitos, nutrindo uma cadeia alimentar perversa em um círculo vicioso, o qual mantém criaturas nefastas no poder.

Walfredo Luz presta agradecimentos à rapaziada da banda alagoana Favela Soul, sendo este o gatilho que despertou no autor o deleite para rabiscar versos ácidos, porém leves. O autor também dispensa suas estrofes a todos os seres que aqui habitam e querem, através da persuasão e da paixão, expurgar ideias envelhecidas que, impondo descontentamento e desconforto, almejam, assim, perdurar no estado crítico e caótico no qual estamos inseridos.

Enfim, Holocausto Mundaú pode ser uma leitura indigesta para alguns, uma catarse para outros, mas deveria ser uma visita literária necessária a todos!

Julien Costa
Ator, diretor, produtor, dramaturgo

EU SOU
Sou mais que sou, não estou nem aí pro luxo
Sou aquele que jamais recuou
Me chamam de bruxo, na favela eu estou
Se eu não for o que busco, quem sou?

Não adianta tentar me enganar
Com riquezas irreais, vinhos podres
Metais preciosos, porém, odiosos
O valor que tenho, sei bem o que sou

Sou causa espanto em mundo de encanto
Respiro o meu canto no palco sempre santo
Sem querer ser mais nem menos: sei o que sou

Labirintos e armadilhas, pra isso estou vacinado
Pensam que sou bobo? Não, jamais extraviado
Mesmo caminho, porém diferente, aqui eu estou

NÃO ME LEVE EMBORA
Não me leve embora, não chegou a hora
Não quero sair daqui do meu quente morro
Uso chapéu, até mesmo sombreiro e gorro
Com sangue na veia, eu vivo em paz e feliz

Chega de mentiras e não me faça de besta
Não aponte seu nariz quadrado e leproso
Tal qual falsa meretriz que rasga o bolso
Do incauto inocente com cara de santo

Sem demora não venha me dizer
Sórdidas lorotas, mentiras e charadas
Eu queimo por soluções hoje raras

Calotes, dívida e moratória bem na raiz
Nada acontece, definho por um triz
Devo não nego, pago quando puder

QUEBRADA
Primeiros versos para uns caras maneiros
Inteiros na mente, também no coração
Criaturas faceiras da fina quebrada
Gente valente, não vacilão

Traiçoeiro chega com ricas promessas
Trairagem postada em pequenas bandejas
Não é camaradagem, são apenas conversas
Infiel camarilha arma flechas certeiras

Quebro escotilhas que levam ao mundo vão
Não venham armados com poções de licores
Luxúrias e amores para arrebatar amadores

Iludem a turba sem profetas pra cura
Agonia e tremores são a nossa secura
Queremos agora real libertação

MESTRE DA JUVENTUDE
Não façam o que fiz no passado
Crença naquilo tão surreal
Eu mantive divina fachada
Maravilhoso cacique do mal

Não era nada daquilo
Eu era mais um esquivo
Situação pesada e imposta
Que nos empurrava ao abismo

Sem algum espaço ou trilho
Caminho apertado e inciso
Figura e imagem com cara de mau

Estudem, aprendam muita poesia
Amem pai, mãe e mesmo arrimos
Certamente esses podem amar

BAIXADA
Vamos à baixada de bela rapaziada
Filhos no meio do povo nascido
Meninos e meninas queridos
Batucam ao som e com ritmo massa

Música sem partitura, porém bem madura
Segundo um maestro com sua batuta
Sem caretice vamos tocar o tambor
Pé na parada deixa o passo fluir

Rola um Rap legal que explode ao mundo
Ignora astuto e chato furibundo
Que teima em praticar apenas o mal

Os caras montaram um grupo bacana
Coletivo maluco que arrepia a pele
Ao ouvir o rasgar da batida do surdo

MUITO LOUCA
És muito louca nessa calmaria
Chega pra cá e toca um som
A batalha do mano onipresente
Sempre tua voz em harmonia

Dandara não é só dia vinte!
Isso é coisa de abastados
Sobem a serra endiabrados
Ao prover reles emprego

Comemoram a festa oferecida
Mera falsidade, também heresia
Zumbi não é a santidade em voga

A moral dos ignorados em porões e abrigos
Calabouços inimigos, covardes e cruéis
Traído, o Santo não rendeu seu machado

MALANDRO MUNDAÚ
Malandro não é falante que cala
Esperto manda o rompante
Fala o que pensa e sente
Encara os castigos sem danos

Malandro é esperto, olha e tudo vê
Mentiras, farsas, matérias nefastas
Astuto, um gênio ignora tudo
Enérgico maluco sempre prevê

Malandro é gente bacana
Que nunca entra em cana
Ama a cigana pra vida florescer

Malandro sente belo cansaço
Carinhos e muitos abraços
Malandro está sempre a viver

HOLOCAUSTO MUNDAÚ
Minha lagoa deserta, meu sururu sumiu
Sem gente, sem água, sem mulungu
Olho e vejo serpente em forma de gente
Sufoca o ar ao querer nos engolir

Gulosos, escabrosos matam todo o ser
Povo batalhador do sustento de outrora
Ambição sem demora, a lagoa sucumbiu
O peixe fugiu pro mar que assim o tragou

Holocausto é a ordem na desordem
Matem tudo e todos que sugam bom odor
Pança cheia de iguarias rosnou o imperador

Povo guerreiro miúdo, tão valente e destemido
Armou-se até os dentes, machado, peteca, repente
Cantou em marcha firme e expulsou as milícias

PAPA-MEL
Sou negro e gente de frente
Filho da selva deitado na relva
Não nego a fonte nem o caminho
Sou preto, sou carne, assim eu sou

Chibata no lombo e sangue escorre
Carne ferve com olhos pulados
Visão perfurada por maldito mouro
Braços amputados, sou negro eu sou

Meu filho nasceu, correu pro batente
Não é um tenente, mas é combatente
Em forma de gente, sou negro eu sou

Papa-mel é o cara que foge pra mata
Corre do tronco que o amarrou
É forte, é bravo, não aceita amarras

FILHOTISMO
De pai para filho rola a vida
Herança maldita e fonte da desdita
Sem teto, sem quarto, sem luz, sem abraço
Sem saúde, sem dança, só miséria e trabalho

Berço de ouro em degradante abundância
De ter muito mais além da lembrança
De todas as crianças da beira do cais
Essas com pouco, aquelas com mais

Desigualdade é a palavra ordeira
Não há divisão de bens naturais
Só vejo meninos bem escondidos

Cedo pra trabalhar, mais fome a explorar
Bebês desprovidos, sujos e maltrapilhos
Fechamos os olhos sem lamentar

PEDRA-LIXO
Entulho brilha nos olhos
Daqueles garotos estilosos
Roubam, matam quem quer que seja
Preto e branco acalmam a peleja

Escorre do caos da abstinência
Procura encontrar rapidamente
Curta parada com persistência
Convite à mesa posta que alucina

Dragões e monstros em elegia
Cumprem o papel de encanto
Feras assombram em tormentas

A vida caminha a passos largos
Mundo feliz de falso extasiado
Com o lixo do luxo tão prateado

O PALHAÇO
Amasso o cigarro, cinza no prato
Estão a olhar um velho palhaço
Assim meio tonto, assim meio leve
Que foi exilado do corpo celeste

Vaguei pelo mundo em busca de glória
Sem eira nem beira cá eu estou
Quero chegar e ser um doutor
Com curta visão e nenhuma decência

Subi a montanha de forma demente
Cruzei belo anjo um tanto descrente
Não sei se ele vem, nem mesmo se vai

Não crio história, eu sou repelente
Fazem de mim tal qual moratória
Venho buscar meus descendentes

FAMINTO
Faminto de sede
Faminto de morte
Faminto de fome
Faminto decente

Faminto de grana
Faminto de fama
Faminto de joia
Faminto-tramoia

Faminto de pai
Faminto de mãe
Faminto de irmão

Faminto de mundo
Faminto desnudo
Famintos serão

BECOS E VIELAS
Becos e vielas da sórdida herança
Infantes passeiam e pensam em vão
Imaginam as veias da esperança
Da cintilante redoma de Platão

Não há o que fazer, deixa o tempo correr
À frente grandes batalhas vorazes
Paralisado diante de pálidos cartazes
General sussurra não haver vagas

Não desisto, sou forte, vou à luta morro acima
Vejo treta em cada esquina ao mirar uma oficina
Um teatro sem batina com Arte para trabalhar

Sei que a Arte às vezes é falsa
Assusta talento rebelde
Seja noite ou dia, a peça irá surgir

SONETITO DE SURURU
Fruto da arrogância e heresia
Homens insanos e doentes
Sorvem e sugam toda energia
Na terra o corpo não tem valor

Bela moeda é o que pressente
Dilacera carne, mente, suor
Lotado de miséria e amargura
O vil castelo espalha desamor

Baronesas fazem tráfico de bens
Drogas, miçangas vindas do Oriente
Seja de onde for, escraviza nossa gente

Herdada lamúria marrom-escura
Extensa lacuna no terreiro da disputa
Casta indecente quer o seu andor

OTÁRIO-MALAQUIA
Devagar se chega ao longe, Malaquia pensa ser chapa
Na verdade, é um otário ao oferecer uma parada
Pra inocente ficar chapada pra fazer o que ele quer
Mas não é Maquiavel, há começo, meio e fim

A mina não quer papo, então enquadramos de fato
O Malaca do Mané ao montar o artefato
Chega aqui, seu idiota! Não vem com mais lorota
Quero mais é uma nota no jornal com rodapé

Nossa área é maneira e tem som com brincadeira
Não pise e não faça besteiras que a tropa vai raspar
Teu couro e tua cabeça pra marcar como uma sentença

Somos manas, sim senhor, mala aqui não causa horror
Se tentar mais uma vez, tal qual jogo de xadrez
Ah! maluco! ah! maluco! Vais sentir uma grande dor

BRANQUINHO?
De branco tu não tens nada
Só uma fachada, somos filhos do Brasil
Marrom, amarelo, azul-anil, branco e preta
Jamais esqueça que somos filhos que ela pariu

Não adianta se gabar, é melhor acelerar
Saber melhor de onde vem ao andar de trem
Saber se orientar, somos gente e irmãos
Do terreiro do cantão, mesmo que tu não queiras

Sempre andar lado a lado com bússola a nos guiar
Não somos reles palhaços de circo de terceira classe
Nossa pele bem mesclada tem essência tão ligeira

Caminhamos sempre juntos em uma viagem maneira
Sem roupas ou vestidos, indo pra uma cova inteira
Descansar sobre a terra que um dia foi nossa pátria

PRETINHO?
De preto tu não tens nada
Apenas uma sacada, somos filhos do Brasil
Mistura tão apreciada pelos povos mundo afora
Desde tempos de outrora, em branco, preto, azul-anil

Amarelo e encarnado, mas não fiques desconfiado
Pela cor que te brotou, sendo gente, somos Deus
Nesse mundo de adeus, quero mais um Amadeus
Violino consagrado que nosso povo acolheu

O som veio da África misturado com Xaxado
Hip hop e Rock ´n´ Roll em belo tom afiado
Inteiros velhinhos desgastados em nossa pele moldou

Chora a glória em ritmo acelerado
Mesclado por índios, cafuzos e mulatos
Tecem, com pretos e brancos, nosso manto real

AMARELO?
Aí, amarelo, tu também és do Brasil
Chegou firme e forte para armar o teu Norte
Com o povo nobre que te achou e acolheu
Junta cores e sons, teus olhos se abriram

Uma grande sinfonia simplesmente emplacou
Nosso solo é sagrado tal qual um manto dourado
Filhos de todos os prados desse mundo, sim, senhor
Quero mais é harmonia repleta de cantador

Cantos endiabrados como dizem os janotas
Criamos nossos estilos de forma variada
Sonhos se renovam, fantasia aflorada

Judia e não-judia esperam o grande dia
Ser uma só cria que procura forte queimor
Vão querer nos dividir, mas malhada é nossa cor

VERMELHO?
Aí, vermelho, pensas que não és nosso?
Tu aqui já vivias antes de nossas tias
Mal-vindas de outras terras brotaram só querelas
Mas teu brilho magistral é a arma de guerrilha

Estamos lado a lado, misturados nós ficamos
É preto, marrom e branco nesse mundo irreal
Corre rios e matas em grandes disparadas
O podium será repleto com irmãs amotinadas

Estamos sujos, enjaulados, mas fiquem preocupados
Das masmorras sairemos, nesse leito só sofremos
Nosso povo tá armado? A revolução não começou

Quem sabe um dia, essa grande tirania
Chegou e trouxe fúria contra o povo escrachado
Não esqueça que bom vento soprará com destemor

VADIA-MENTE
Mentes vazias, mentiras exalam
Prometem mudanças, andanças
Fantasioso topo, é tudo ou nada
Mas não é para nós, camaradas!

Covardes revoluções da boca pra fora
Diante do mal, do mau, do caos
Recebem farelos e apenas migalhas
Abraçadas com fé ao grande canalha

Moedas de ouro, de lata, de prata
Jogadas na cara e lançadas ao pé
Traíras temidos e vendidos a todo vapor

Um punhado de dólar, até mariola
Como gorjeta real jogada na face
Daquele calhorda que se vendeu

INSONE-CLARÃO
Madrugada insone, desejo incontido
Traga amarguras em pura desordem
Aurora chega aos pés do bandido
A própria sorte ou morte de guerreiro vencido

O amanhã é tão duro, tão incerto
Tão doloroso, intensamente sem lote
Pensamos em Jorge, Rei do amanhã
Branco cavalo dourado amansa almas

Heróis reais, ilusórios também irreais
Atraem gente com verdades queridas
Dizem e nos guiam pelas ruelas da vida

Transformam o caderno em livro mágico aberto
Inundado de formas oníricas, porém trágicas
Espalham o terror por toda pátria

BARTOLOMEU E A VAMPIROSCA
Não é na birosca que sangue encontra
A tal vampirosca é homem ou mulher?
Nem esse nem aquela, olhem pela janela
Limpem o sangue do vampiro real

Líquido viscoso escorre a vapor
O povo corre e pede socorro
Tal qual um raio que sobe o morro
Rasga as roupas com medo da dor

Duas presas chegam mais próximo
De uma só pregada o povo gemeu
Indagaram então: Até tu Bartolomeu?!

Um cara traíra sem pena da vida
Abriu a ferida no seu próprio irmão
Drenou a bebida, Vampirosca sorveu

PROLE
Neto, filho e filha: sempre alertas!
Nós, firmes estamos decerto
Olhamos pelo vidro da janela
Expectativa justa em inércia

Abrem a mente ao desconhecido
O penhasco é sempre dócil
Nada vem de mão beijada
Nessa terra cruel e difícil

Passada a tempestade
Pega a foice e o martelo
Forte para a humanidade

Seguem todas as vertentes
Norte, Sul e mesmo Nordeste
Orientados pela cartomante

ACADEMIA MONÁSTICA
Mia, pia, chia, sempre à luz da academia
Com fervor e com mania de dizer o que bem quer
Mesmo o certo tão incerto, não quer ser uma mulher
Malandros encalacrados em togas e diplomas

Pensam que toda gente é um bando de bananas
Somos frutos ainda verdes, consciência em demanda
Não é quem chegar primeiro que será nosso senhor
Temos ideias e palavras prontas para contrapor

Sussurram ao nosso íntimo, pensamos bem o que rolou
Concluímos que mentiras são fáceis para espalhar
Mas com nossa carabina a turbina irá girar

Nosso mundo desigual não é justo nem racional
Adotam letras e vernáculos por puro meio faceiro
Nossa mente complicada pelo abutre magistral

ACADEMIA BOMBÁSTICA
Olha a bomba na cabeça
No ombro, no peito, no pé
Qual futuro do meu corpo
Será Jesus de Nazaré?

Tronco belo e deformado
Sem pensar no outro dia
Estavam Paulo, João e Maria
Engolidos pelo Doutor

Faça como os passarinhos
Feijão, arroz e painço
Peixe, verduras e legumes

Pensou, mas foi difícil
Afastou os malefícios
Que a bomba te embalou

CALA-TE-BAR
O cara jamais traiu, era apenas um freguês
Um fidalgo, um burguês que desejou uma pátria
Amada e gentil do domínio português
O chamam um tanto traíra, mas não é nada disso

Guerra há muito declarada, dificilmente apaziguada
Tiro, porrete e porrada nos cornos do povo Brasil
Entre Holanda e Portugal pelos fins da madrugada
Todos no meio da intriga perdidos na escuridão

General de cinco estrelas foi expulso e deposto
Não atura a arrogância do capitão lusitano
Pegou o caniço pra pescar com holandês

Cala-te-Bar! Cala-te-Bar! És honrado, és leal
Procuraste a liberdade e encontraste a verdade
Tudo aquilo que queria era pura sensatez

NISE
Fantástica mulher, iluminada menina
Era sua grande procura para encontrar
Uma bica que ilumina mentes sem rumo, sem rima
Apenas amor, carinho e tinta para a mente laborar

Entre tantos marmanjos, Nise foi, Nise disse e fez
Sem querer ser maioral, tratou todos com lucidez
Encarou o achismo, o machismo, sem remédio nem rudez
Não usou barbitúricos, muito menos acidez

Fez da arte, sua arte, tal qual esperto japonês
Pincel, tinta e quadrado, era tudo de vocês
Algo pra labutar, jamais visto como freguês

Veio Freud, veio Jung, todos juntos, apaixonados
Pela cura, informados de uma menina com fatos
Que amava ataduras nas feridas de aloprados

MARIONETE
Sou carne, sangue e músculo
Penso, como e durmo
Sou aquela matéria bruta
Que precisa lapidar

Não quero fórmulas prontas
Seus vícios, suas bagatelas
Compostas de esparrelas
Não quero me enroscar

Labirintos acres e afiados
Matéria de seres desmiolados
Não sou pedra sem quilates

Vista sobre uma grande ótica
Mas não de completa robótica
Eu não sou um manequim

JARAGUÁ
Não conheço a cidade, nem mesmo Jaraguá
Moro quase na trilha da mata, não vejo povo passar
Beira o abismo da terra, não vejo sol nem primavera
Onde moram os desvalidos que não cheiram uma flor

Expurgados de seu solo, espanados para o além
Cheio de chagas e mortes, nem mesmo vida eles têm
Entretanto, estamos melhor, pois temos cara, temos dó
Daqueles muito abastados que só pensam no pesado

Moedas tão nefastas, quebradas ao deus-dará
Não regam nossos jardins, outrora com um futuro
Derrubaram nossos muros, nos jogaram na sarjeta

Minoria em agonia pensou que era gente
Foi jogada na barreira perto do inferno quente
Moderna separação finge haver justiça

FUZIS DE FLORES
Botina pretinha arrebenta a canela
Tão jovem flanela que a vida escolheu
Lava tua alma donzela
Ao sofrer um tanto e tanto, o jovem cresceu

Gandola verdinha com caveira no ombro
É mais um escombro da força estatal
Quer mostrar ao jovem ou mulher
O valor de uma vida não sendo real

Não parem, não fiquem, mas partam pra cima
Daquele esquadrão cruel, imoral e vilão
A vitória virá, mas nem sei quantos são

Eu sei que a tristeza é um fato geral
Depende de todos, também de teus dentes
Porque de repente o canhão chegará

AMIZADE
Somos brutos, somos rudes
Sem respeito, sem mandamento
Mesmo diante de juramento
Sempre somos desleais

Amizade não é isso, mas outra coisa é
Mesmo em momento de tormentos
Ao agir ao contrário do pronunciado
Traímos a ordem de bons companheiros

Amigo de todo dia é aquele que não varia
Disposto a ajudar seja sol, seja dia
João de Maria, um amigo eu sei que há

No final de nossas vidas levamos dentro do peito
Aqueles canalhas traquinos que adoçavam o dia
Ao jogar peladas nos campos com limpo vento

EMBRUTECIMENTO OU EMBURRECIMENTO?
Navega na tela plasma, vejo tudo, quase nada
Nem o amor, apenas números, fórmulas e dados
Muito menos namorados ao teclar a todo vapor
Amizade é um truque que pode matar de prazer

Luxúria virtual e banal, jamais visceral
É o tédio, sim, é ele do século, o mal
Vírus danado de bom que apagou minhas fotos
De artistas, de família, de amigos e de flor

Chegou de mansinho e levou o maninho
Inocente querido que tecla sem saber
Afinal isso é uma tarefa normal

Quero mais meu caderno com poemas de outrora
Guardei com carinho num canto quentinho
Noviças ideias repousam na sala de estar

O LIVRO
Abro o livro com tal rapidez
Mas não entendo a charada
Penso em tudo, acho nada
Talvez uma topada no meio do ser

É fácil ler, difícil entender
Algo não resplandecente
Que no passado restou
Emaranhado de coisas velhas

Sigamos adiante em um levante
Com novas escritas e ideias
Para unir velhas e novas plateias

Convidamos para o prazer
Seja na rua ou boleia
O importante é a matéria

STF (Superior Tribunal dos Fodidos)
Julgamos os togados endiabrados
São vermes tão perigosos
Atacam até os leprosos
Que não têm nenhum vintém

Os conchavos acontecem
Advogados, juízes e párias
Caluniam, ludibriam e mentem
Pra quebrar o inocente

Um grande grupo de toga
Mais valente guia demais dementes
Todos estão a concordar

O pobre toma no lombo
Da polícia, do capanga
Do togado visceral

CANNABIS
Planta tão boa, aromática
Erva que há de melhor
Das hélices do Presidente
Ao povo não interessa o pó

Cheirinho tem esse talco
Alucina, alivia e castra
Também até atrofia
O nariz do rapazinho

Polícia pega polvilho tão estranho
Ele aspira feito doido e insano
Junto com seu rude capataz

Tentou injusta purificação
Beijou com amor e paixão
Suja cadeira de senador

FLUINDO
Amar mais que o mero amor é respeito e parceria
Compartilhar dor e alegrias; chorar mesmo por dentro
Saber que seu semelhante tem triste semblante
Mingua sua bela alma que não está a contento

Amor mais que respeito é abarcar o amigo inteiro
Sem pensar mesmo na glória ou no pote
Sentimento iniciado mesmo até no corte
Carinho de amizade não há como fugir

Gargalhar das inglórias passadas
O sorriso sorrindo a plenos pulmões
Renegar tormentos, pois o pior já passou

Amor é chegar à estrada e estarmos abraçados
Com muito calor pra dizermos cara a cara
Temos tanta certeza: o botão aflorou

AFLORANDO
Corpos apenas deitados na relva,
Uma grande morada do sagrado veneno,
Pernas enlaçadas, corações palpitantes
É amor dos amantes que o mato acolheu

Mãos, pés, dedos e braços
Tudo junto e misturado, bem amaciado
Ritmo frenético, mas muito poético
Amantes embalam ao som da harpa

Passado lentamente o clamor
Amantes em voga sem a mínima toga
Completos pelo puro desejo

Paixão em louco plantão
Incendeia a macia carne
Ardilosamente a fogueira ardeu

FIDELIDADE
Na viagem do pensamento
O outro está sempre nos sonhos
Do simples ao mais medonho
Amante tristonho, o outro em piração

Sintomas loucos e malucos
Um deles tão eunuco vendo turvo
Imagina o suco do mundo
Disparatado não sabia o que fazer

Convívio tão completo, louco e incerto
Era isso que havia na tristeza do dia a dia
Amante em avaria resolveu tudo dizer

Não suporta tanto martírio por ledo engano
Deseja a libertação para além do oceano
Libera e se libera, pois não pode ser infiel

PSICOTRÓPICOS
Somos todos psicotrópicos
Com algo na mente a desejar
Engolimos e mastigamos
Tentamos assim nos tropicalizar

Viciamos na serpente tão faceira
Assim maneira, assim sem eira
Assim sem beira, assim demente
Assim triste, assim contente

Bem no topo de tal telhado
Vemos enormes endiabrados
Então vamos extravasar

Suicídio jamais físico
O corpo tísico, assim fininho
Quer vida, encontra morte

INTOLERÂNCIA DOS SANTOS
São Jorge, Ogum, Jesus, Madalena
Uma mistura serena dos santos e orixás
Totem de divindades ama a diferença
Não importa a crença, rezamos nos matagais

Não importa a grande lenda, mesmo pequena
É digna de bela fé e enorme louvação
Até o ateu bendito dito como diabo
A religião respeitou, mas não de bom grado

Descrente religioso que acredita no povo
Rejeita lunáticos, fanáticos e amargurados
A morte do inimigo com desejo controlado

Combatemos um cão tinhoso e infiel
Jamais encontrará uma única voz
Para povoar sua obscura igreja

INTOLERÁVEL DEUS-HOMEM
A minha pena é a caneta de ideias
Chamada de perneta por mazelas e baixezas
Que o invejoso insano chama de coisas da ilusão
Minha tinta é composta por pincéis da utopia

O mal chama o mau e leva o bom para o ataúde
Ideias imortais retardam sucesso em excesso
Atrasam veloz progresso que está em ascensão
Tentam trocar a marcha da fronte do Deus-Platão

Nessa guerra de mente está a fúria sempre presente
Tentam ferir o bom irmão com seu real português
Diferente daquele lusitano que por sinal é demente

Alvorada chega pra gente em todo canto
Com seu belo encanto de palavras sutis
O fuzil do guerreiro, o monstro trapaceou

H-FOBIA
Lutamos pelos inferiores
Não avançamos em vão
Abaixo a homofobia e a heterofobia
Somos todos carne e irmãos

A trans, a bi, a tri também são minoria
Não sejas arrogante e teimoso
Até mesmo tua tia agora vem pra luta
Pois apenas labuta contra o tabu racial

Temos desejos, anseios e cobiças
A luta presente não é só minoria
É do povo surrado, danado e sofrido

Somos um só e só somos um
Terra de nada onde há magnatas
Impõem as regras com odiosas metralhas

VELHOFOBIA
São filhotes carrancudos
Pensam ser maiorais
Dúvidas eles sempre têm
Mas ao sábio vão chamar

Chegam de mansinho e desconfiados
Visita malograda que chamam de favor
Malcriados, insuportáveis e arrogantes
Almejam um conselho de velho batalhador

A carne vai, o corpo também
Um dia terão a minha estrutura
Pobres criaturas no juízo final

A morte é jogo natural
Seja rico ou pobre, não ganha mole
Resta apenas o fole do rito final

GUETO
Os mestres da rinha tal qual faz o galo
Perfuram o crânio dos grandes pensantes
Não deixam passar figura rebelde
O chamam de tonto, ignoram a plebe

Estão enganados e errados estão
O cara expurgado não é um vilão
Figura sombria, mas só de fachada
Entende de tudo, mas limpa seu chão

Janela indiscreta também faceira
Pensam saber, mas só criam asneira
Tentam se expor sem o mínimo pudor

Certeza que dizem, pensam que falam
Não entendem nada quando chega o cara
Com sua lembrança da terra natal

FAMÍLIA
Ligações perigosas para além do portal
Tentamos criar um laço real
Porém, com tristeza alegra-se à mesa
A ceia ao fundo tem um espectro mortal

É difícil dizer se há mesmo laços
Primo, prima, irmão, marido, mulher
Não sei se é alegria ou pura fantasia
Reina a harmonia de um domingo qualquer

Não sei se querem o alvorecer da manhã
Há ricos e pobres com a pança cheia
Uns cheios de ouro, outros sem a riqueza

Viver sozinho para estar tranquilo
Amizade não morta com indigentes
Figuras assim são dignas comportas

A LAGOA
Terra de gente boa, alegre, pura e têxtil
Até belos vestidos em becos e vielas
Floridos, estampados, todos amassados
Grandes namoricos, não se assistiam novelas

Minha terra com povo simples e nobre
Pelada, xaxado, pandeiro o dia inteiro
Sem pensar em desgraças, pois até Dona Graça
Fuxico deixado de lado, ela corria para jogar

Tinha trem, estação, tinha morro, tinha vitrola
Os peixes na caçarola nas festas bem quentes
Tal qual nossa lagoa que banha hoje e sempre

Agora meu bairro é tão banal
Há calhordas, traficantes, também general
Difundem e espalham orgia, droga e bacanal

SANTO
Quero mais é pecar, pois santo aqui não há
Vieram dando ordem sem ter mesmo moral
Batas, coturnos e fardas unidos em um só ideal
Olharam pro lado ao querer impor, ditos, etc e tal

Sempre alerta e descrente ao palitar meus dentes
Vi que tal santo era mau em devoção e prece
A santidade disse e me disse, mas era pura vigarice
Impoluto de nada entendia, só bagulho banal

Apenas jogava e defendia ideologia fulcral
Não caímos na conversa e saltamos depressa
Corremos maluco, largamos o marginal

O tal do santo rapaz era esperto, liso e certeiro
Raio faceiro tentou comprar nosso ser
Sacolinha dourada doada por tolos fiéis

PEDANARTES
Suportar o pedantismo? Não devemos aturar
Repleto de simbolismo na arte para enfeitar
Não diz nada com nada, porém se acha o cara
Impõe normas e regras pra tentar ser o mandão

Enganado estava na democracia aflorada
Até nos palcos chegaram pobres, negros e índios
Estudaram atuando com risos e benefícios
Sucesso em seus ofícios, o público bem aprovou

Mistura danada sobe ao palco por nada
Apenas pela alegria com sonhos e fantasia
Vestir a carapuça para ser alguém que não é

Essa é a grande magia da noite e do dia
Tablado, rua e quadra no globo irreal e de nada
Tornar-se enorme sucesso com suor e samba no pé

SOMBRA
Não quero o que é seu, eu tenho o meu
Não adianta dizer por onde andava
Aquela manada dizendo-se Deus
Mais impoluto sucesso dos teus

Desejo dizer que não faça nada
Procura morada junto aos meus
Talvez aprenda a dizer a verdade
Sem malograr os amigos teus

Assim se faz o homem decente
Não quebra a corrente da boa memória
Busca então a vida que lhe apraz

Vida sincera não causa litígio
Livre arbítrio que satisfaz
Somos iguais, porém diferentes

VELHACO
Não copie aquilo que não sabe
Seja sincero com sua capacidade
Plagiar é coisa feia, indecente
Seja um artista fiel e presente

Não cole apenas aquela parte
Do todo que alguém criou
Se fizer imitação, cite a fonte
O não falar parece um ladrão

Revele a origem, terá seu valor
Santo artista que algo recriou
Não seja insistente, fale pra gente

A base da arte do suor por ofício
Inspira os gênios, também mal-ouvidos
Vinga a arte do Grande Senhor

SOLIDARIEDADE
Assim caminha a humanidade
Onde o maior bem é a caridade
Daqueles que querem os holofotes
Mas sem pensar em tantas mortes

Os famintos deitados à grama
Sofrem ao esperar um nó de cana
Menino com fome, pai sem dinheiro
O corpo quer até um farinheiro

Matam aos poucos uma gente sofrida
Jamais desejaram que fosse parida
Caso estranho, porém, dianteiro

Abrem a mão doando farelos
Estendem uma mão e fecham a outra
Louca pelada dos desvalidos

LUZ, CÂMERA... AÇÃO!
Cinema da vida, telinha da hora
Cambada insana hoje e agora
À frente das câmeras com tanto engenho
Busca assim um espaço notório

Não faz o que deve, mas faz o que quer
Fama é tudo, as moedas também
Mesmo se for até um vintém
Não olha a vida e não pensa em nada

O Deus-Diretor só quer harmonia
Grande-Chefe não quer confusão
Mas o que vê é só histeria

Finalizada a contenda na madrugada
Ninguém contratado, não houve ação
Gritaram assim: Luz, câmera... Decepção!

MANCO
Sou manco, perneta eu sou
Não te dou mesmo a honra
De ser meu companheiro
Não lutas mais por desvalidos

Tu és um cara amargurado
Sempre triste e bem vestido
Traiu o amigo que sempre te ajudou
Sinto o tempo se esvaindo

Eu sou gente, eu sou amigo
Mesmo manco não me intrigo
Amparo pessoas sem esmero ou juízo

Chega junto que estou aqui
Uma máscara bem bacana
Tu tão sacana pra ela te servir

NETO
Sente a dor do seu parteiro
Gente apaixonada pela cria inovada
Neto é flor também jardineiro
Rega canteiros e roseiral

Vem sorrindo para teus braços
Repleto de beijos e amassos
Lindos e vindos do avô
Neto é luz, é harmonia

Tal qual um beija-flor
Pede água pela sede
Não procura seu andor

Lindo neto e companhia
Estão cansados de estripulias
Miram a parede no dia acabado

ARTISTA
Ser um outro é bem difícil
Em carne, alma e osso
Mas esse é nosso ofício
Obra completa à plateia

Tornar outra realidade
Criar assim grande obra
Exposta nas ruas e museus
De bela visão no painel

Construir airoso corpo
Que flutua e paira no ar
Para bailar sem medo

Partitura crucial e harmônica
Pra essa vida sem tônica
Ao soprar ventos de glória

PELEGO
Pior vício dessa vida é tramar às escuras
Fugir por escotilhas e o povo junto a bradar
Não seja frio nem tonto com teu jeito largado
A turba encarcerada está pronta para explodir

Na escola que estudou havia um grande legado
Rebeldes e maturados recebidos com grande louvor
Você que havia escutado estranha gritaria
Abriu os olhos e ouvidos, sua sina acelerou

Você correu pro cercado dos homens sempre armados
Pareceram bem dopados com sangue nos olhos manchados
Espalharam fúria e incerteza, você capitulou

Nós aprendemos que nova chance é fatal
Pra aqueles que não entendem ser a causa tão nobre
É preto, branco, do Sul e do Norte porque a guerra é geral

LIXO PR'ALMA
Xenofobia é não gostar do que é avesso
Mas como apreciar aquilo que não presta?
Ao colocar arestas entre o povo de bom gosto
Não é só questão de intriga e desprezo

Todos chegam com todo ouro para ganhar
Pensam ser maravilha ao tocar tantas trilhas
Produto a fascinar, não me iludo, não sou tolo
Meu amigo passa o rolo no que vem do exterior

Mas não é bem assim, há matéria boa e ruim
Vamos selecionar, pois bom gosto já mostramos
Ridículo mesmo é sempre não aprovar

Se acalentam os ouvidos, olhos e sentidos
Não há nada a recuar, agrada bem na hora
É coisa aprovada do estrangeiro inovador

CORUJA-ANTENA
Ser de muitas plumas e rodados
Sempre alerta pra sabotar
Não é gente nem guarida
Jamais pensa em nos agasalhar

Perfídia com plumagem-breu
Não pensa no prejuízo
Pode ser o próprio umbigo
Que o canhão logo escolheu

Pensou que estava no jogo
Cartéis hão de eliminar
Riscoso como limo e lodo

Tem a antena quebrada
Coruja agora não mais pia
Bem reclusa e encarcerada

CAMPO
Acordar cedinho às seis da manhã
Tomar banho, sorver café e chá
Um novo sol que vem a raiar
Nesse dia novo com todo seu afã

Deseja luzes, clarões sem troada
Em Marte, no campo ou na cidade
Sobrevive em becos, esquinas e vielas
Ao pensar em transpor as tormentas

Com espada valente e cadente
Bem ligado à sua gente
Gera fundos, luxos e riquezas

Sugador do labor alheio
Sorri o riso da malvadeza
Faz a grande roda girar

CAIÇARA
Explora águas belas
Pela orla caiçara singela
É tudo grande balela
Para nos fazer sonhar

Essa praia dita tão velha
Não caiam em esparrela
Ao sentirem a língua indecente
Pensem antes de mergulhar

Plástico, garrafa e bituca
Pano podre de mesa e sinuca
A Maravilha se escafedeu

Mar leve e salgado está irado
Noite chega de mansinho
Dejetos e corpos a desovar

FULNIÔ
Índios guerreiros valentes
Fogem de Pernambuco
Espetados pela ponta do trabuco
Tinham mais que se espalhar

Distribuem fama e coragem
Semeiam uma casta de ordem
Branco corta a galope
Valentes indígenas não se renderam

Resistem em Águas Belas
Mantêm rituais e imagem
De um povo jamais servil

Uma raça pura e selvagem
Combate estranha rapinagem
Dos rios e seus matagais

E DAÍ?
Você pensa imoral, mas me quer
Deitada, molhada, na cama ou em pé
O desejo carnal por uma mulher
Não interessa se é João ou José

Não sou prostituta nem leviana
Não penso em caridade nem bondade
Tenho o que queres, tu tens o meu ser
Batalha caótica no mundo vil e cão

Fique em dúvida, não tenhas medo
Tu tens belas fichas então a pagar
Nossa pele erótica tão eriçada

Nos braços do açoite tão leniente
No mato, no mar, nas ruas, na lama
Desejas apenas uma vida gentil

FÉ
Reze, ore pra não pegar fogo
Batina largada num canto leproso
Todo faceiro, alegre e atencioso
Criança então como prato a traçar

Inocente pueril e bem vistoso
Visão aberta do religioso desditoso
Usa do medo e da mais pura fé
Cega o meu povo mudo e teimoso

Após tempos turvos e nebulosos
Com muito suor, o povo pensou
Será grande mestre mesmo honrado?

Diz o que fez, mas não faz mais
Causou rebuliço no juízo de todos
Mais um infeliz ficou a vagar

CARTEIROS NAS RUAS
Ó, benfeitores de recados e cartas
Sempre procuram fazer o bem
Ao entregar não interessa a quem
Palavras, versos e frases esperadas

Seja noite, seja tarde, seja dia
Amarela é a camisa, azul é a calça
Apertam sinos e campainhas
Sorriso sempre altivo é a esperança

Não conhecem o teu futuro
Suas preces em obscuro
Teu labor não é mais seguro

Rasguem a bandeira dos fascistas
Jamais aquela dos Peronistas
Preservem tua casa e tua feira

DÚVIDA
Cabeça na rede, meu coração palpita
Sentidos contrários que apitam
Alertam-me para o amanhã
Indeciso estou, há caminho a desbravar

Os meus voos tão desertos
Subo alto às celestes paisagens
Não sei se encontro vontade
Pra um mergulho a flutuar

É tão profunda a minha trilha
Há rosas, espinhos e orquídeas
Venenosa poção por todo meu ser

Asas aos ventos livres de tormentos
Reclamo e reinvento a gana para viver
Escalo os montes com pura fascinação

NA REDE
A pancada rasgou a rede
Sereno, tranquilo e moreno
Todo sorriso claro e ameno
Nossa face iluminou

Sou mesmo assim eu sou
Não venhas com papo-garganta
Ideias de jerico e jamanta
Pra poder me bloquear

Sou livre no pensamento
Ideias e grandes momentos
Não terás a tua chance

O veto é para carentes
Crentes do mundo indecente
Que a vida então germinou

NEVASCA
A vida lá não dorme
Não para, nada fecha
Fauna e flora selvagem
Salve-se quem puder

Terra de mitos e reis
Cheia de sufocamento
Lixo, dejeto sem nexo
Estamos nela a viver

Humano não é certeza
Sapólio é para o asseio
Há preconceitos por lá

Procuramos o horizonte
Buscamos ideal dominante
Onde juntos possamos crescer

NEM TODO PASTOR É SACANA
Figura impoluta com ideais de Reis
Une camponês, artesão e burguês
Prepara o tabuleiro do xadrez
Golpeia ao sorrir do além

Diz que sua própria Igreja
Sabe unir amor, fé e dinheiro
Mira brilhar seu próprio umbigo
O movimento esteve a falhar

Não era reforma, apenas poder
Títulos, templos e riquezas
Ansiosos pelo brilho do mar

Mal herdada fora a herança
Não comprem santa mercadoria
Oratória: picaretagem é covardia

JESUS
Jesus não foi piegas nem salafrário
Era um homem justo e bom
Apenas não pegou em armas
Tentou em vão usar palavras

Quem tem Judas não quer nada
Traído em sua leve morada
Tomou um tombo fatal
Do impoluto traidor

Acorrentaram seus pés e mãos
Amordaçaram seus olhos e boca
Parece que o povo ainda não entendeu

Pensava o bom ser o mau
De forma tão teatral
A Barrabás elegeu

ZAPATA
Latino destemido como trem
Parece nem ser do Norte
Mas do hemisfério Sul
Não era imitação do bem

Não era nem bandoleiro
Era mesmo um guerreiro
Cruzou grandes desertos
Magistral revolução avançou

Espanhol era seu léxico
Malvado Norte corrompeu
Povo índio era complexo

Em uma bandeja de prata
Muita gente na foto estava
Findou-se uma bela estrela

CAVERNA DOS ANJOS
Somos anjos, somos alados
Pleno movimento do amor
Sempre flui a contento
Onde estão os meus sentidos?

Guardados em uma gruta
Esperamos arco e flecha
Das mãos dos serafins
Cheiro da pele do seu par

Uma procura desvairada
Talvez em rota extraviada
Por plano de algum vilão

É uma viagem extensa
Para aqueles que procuram
Paixão quente, firme e dura

FEIRA LITERÁRIA
Procuro letras e livros
Romances, poesia e terror
Larguei-me pela grande feira
Mas nada tinha a mostrar

No início eu estranhei
Pois o chefe do xadrez
Era uma figura iletrada
Também que dava as cartas

O Censor em gritaria
Comandava a romaria
Só não vi um só escritor

Fui embora meio triste
Com meu dedo em riste
Ameacei não mais voltar

B.R.A.S.I.L.
Bravos rapazes americanos
Explorando nossos tesouros
Para acumular riquezas
Desse solo chamado Brasil

Silenciosamente eles vêm e vão
Ganham terra e muito chão
Com grande valor de verdade
Levam também o Pau-Brasil

Pra fila que o monstro pariu
Italianos, franceses e ingleses
Compram até nossos líquidos

Até quando ficaremos inertes?
Trafulhas impõem ao curral inteiro
Sua sanha para a vida aniquilar

MISSA
Minha menina querida
Tens a mesma ladainha
Amoral com fogo demente
O povo logrou dormir

Cerceia pela geral fraqueza
Com aqueles bem vivos olhos
Pela miséria, sofrimento e dor
Não sei se grito ou se choro

Encontro um beato fiel
Malandro, maluco e pinel
Transformou todas as imagens

Assim me transmudei
Escrevi e telegrafei
Pra um santo bem de longe

OLHOS RASGADOS
Nação massacrada pelo tempo
Inimigos insistem em metralhar
Olhos abertos mortais e certeiros
O grande clã está a tremer

Visão pequena, mas esperta
O imperador está a pirar
Nos montes bem verdejantes
Respira do outro lado do mar

Guerreiros de muita ousadia
Não acatam bravata e teimosia
Daqueles cães vira-latas

Olhos puxados que o digam
Age como bravo elefante
Esmaga nociva formiguinha

SAPATO
Não sou apenas um sapato
Par ficar acomodado
Quero andar lado a lado
Onde possa me esconder

Desse mundo enlameado
Juras, promessas e tratados
Escondem viés duvidoso
Em ideia e pensamento dourado

Amantes sempre quebram pacto
Largam o parceiro lotado
Outrora foram romances

Sapato sujo e furado
Talvez não sirva pra nada
Só quer um belo remendo

CONTAMINAÇÃO
Beijo é troca de micróbios
Mas algo macio e especial
Lances de belas besteiras
O enlace pode ser fatal

Vemos a luta, vemos estrelas
O sol como uma peneira
Por onde passa alegria
O beijo não é letargia

Para um ser real e eclético
Que com seu furor energético
Sedentas bocas a borbulhar

Batimento e ritmo frenético
Seja o beijo como um raio
Para iluminar nossa alma

LÍQUIDO VISCOSO
Licor gentil e espumoso
Contra ódio e desgosto
Esse é meu remédio
Contra humano banal

Muitos falam que é feio
Cuspir nos olhos alheios
Não é fácil segurar
Nossa primeira defesa

Veio um anjo da realeza
Eu não levo desaforo
Tinha mais é que escarrar

Eu cuspo, tu salivas, ele expele
É normal e também leve
Somos peralta Rosa Real

ZUMBI
Cresceu indesejado e pobre
Pelo roto branco sem ordem
O rei encarou homens fortes
Foi pra mata com seu fuzil

Maltrataram, esfolaram
Como um corcel escapuliu
Construiu real fortaleza
Onde seu povo acolheu

No alto daquela colina
Dura foi a sua sina
Que o invasor inventou

A querela não cessou
A rainha aqui plantou
Edificou fortes quilombos

FOLIA EM ROMA
Abriu-se a festa do pão e circo
Pular e dançar pagando mico
Sem filão amassado ou dormido
Para sede e fome saciar

São cinco dias de luxo e farra
Toma-se cana com mel na jarra
Sem lembrar a quarta de cinzas
Sujo e fedido tal qual latrina

Carnaval só ano que vem
Quem sabe vamos de trem
Apesar de toda dureza

Curar a ressaca em Roma
Ir a uma festa em Veneza
Pra sentir aquele aroma

BURUÇU ARRETADO
Iemanjá é a rainha do mar
Protege dos males profundos
Ela é santa, ela é nobre
É a Deusa-Mor-Maior

São Jorge é nosso valente
Com seu cavalo alazão
É simples, humilde e decente
Espanta o inimigo vacilão

Ogum, pai de todos terreiros
Pensam ser só macumbeiro
Mas estão bem enganados

Jesus da Santa Igreja de Roma
Não é branco nem amarelo
Foi apenas um ser carinhoso

FUMO
Fumo mesmo porque gosto
Hábito, vício e porte
Por vezes penso em morte
Mas o prazer é bem maior

É coisa vil e estranha
Fumar, tragar, engolir
Uma fumaça cheirosa
Bacana, leve e charmosa

Hoje pra mim é um bem
Penso não ir mais além
Preciso apenas brecar

Tem coisa pior do que fumo
É horda de vagabundo
Batendo em filho e mulher

MASSA FALIDA
Mundo redondo e quadrado
Gente tapada, pessoa nociva
Por pensamento de ordem
Aperta o laço que o nó laçou

Amassa a massa falida
Menino, velho e ferida
Charlatão de toga e bata
Quer ser nosso pastor

Espírito limpo em perigo
Vocês sabem, sempre digo
Melhor mesmo é sair

Ao fitar uma corrida ao nada
Basta apenas a tourada
Resolver e é bom fugir

TIGRESA
Uma tigresa de vestes negras
Nos meus sonhos doloridos
Essa é a moça da vez
Corpo, alma e minha tez

Molhado corpo de sedução
É carne, é pele, é queimação
Pernas bambas eu sempre tenho
Olhar a felina não me abstenho

É sol, é lua, é noite sem enjoo
O calor dessa dama é açoite
Jamais me extravio

Tesão que me encanta
Sou homem, sou animal
Essa tigresa me domou

PAPA
Atiram torpedos contra nossos filhos
Estilhaços causam estragos
Com vil caprichada artilharia
Cuja bala é de aço, ferro e espada

Rejuntamos braços, pés e unhas
É o saldo dessa eterna ganância
Pelo ouro preto que está a jorrar
Outros motivos hão de brotar

Sorrir, brincar, gritar, dançar
Pro desespero do homem voraz
Com seu metal, não é mais capaz

Vão procurar outros montes
No Norte com novos ignorantes
Em tempos de escassez

VIBRAÇÃO ANIMAL
Trepidação de belo vilão
É quando está a engolir
Uma presa fácil e tranquila
Pois é a lei natural

Uns caçam, outros também
Demais só fitam desgraça
Não interessa o semelhante
Apenas o próprio conforto

Ó minha gente esquecida
Verão, outono ou inverno
A cascavel há de sumir

Dissipada a peçonha fera
Viajamos pra outra esfera
Visitar quimera utopia

CONFRARIA
Após completo estouro
Acontece rebel contestação
Rebeldia do bicho-homem
Valente e traquino irmão

Maluquices engrenadas
Louca e febril disparada
Busca claro horizonte
Conquistas bem discretas

Surge então a confraria
Com entes tão elegantes
Pra praticar patifarias

Reparte em iguais partes
Globo, planeta e Marte
Já não tendo o que fazer

TEVEDUCAÇÃO
Telas lisas e limpas, telas planas
Não permitem nosso Prana
Ideias ímpares e bacanas
Que nos levam ao xadrez

Luz, letra, imagem e som
Corrompem alvas cabeças
Difundem ideias sujas
Que em nada fortalecem

Mostram o incerto como certo
Impoluto como limpo rei
Temos que orar e obedecer

Troca o toque e grande mote
Como se fosse o Deus do forte
Deixam-nos a enlouquecer

ÉBANO
Irmão entrega e vende irmão
Carne da mesma carne
Tabela de preço bem marcado
Vale apenas pele fresca

Progresso sempre em reverso
Volta às trevas da ilusão
Torna-se a mais pura atração
Vegano aqui não tem vez

Cruel para não dizer frieza
Balsa varia, proa e quilha
Provocam total histeria

Essa matança livre e diária
Nesse teatro de meu Deus
Filho de ébano gemeu

MARFIM
Criatura linda, não farsante
Na inocência dos prados
Nadam, correm bem largados
Manada vistosa e valente

Ouro em pó com alvura
Olhos do homem reluzem
Ao ver tal grupo sozinho
Flores do campo a cheirar

Astucioso com coração palpitante
Pelas ruelas da escuridão
Bicho maneiro a penar

Santa ganância a galope
Podre ignorância bem torpe
Ecossistema também faliu

HUMANO
Terráqueo sem decência
Com toda sua excrescência
Retidão pra correr e capitular
Pela tremenda trama ácida

Chegam rasteiros e com ranço
Querem furtar e surrupiar
Almas carentes de carinhos
Tremendos e dóceis passarinhos

Não me engano, sou cigano
Vago no exterior estrangeiro
Dormente pátria a procurar

Humanos sem desenganos
Hostis, sozinhos e muito sós
Enigmas em sonhos medonhos

MISSISSIPI OU MUSSISSIPI?
O primeiro fica no Norte
O segundo está no Sul
Onde Nero tem a carne
Do povo pra arrebentar

O primeiro então racista
O segundo dá até dó
Latino come tampado
É moído em sua sela

O segundo, terra da cana
O primeiro, de algodão
Ambos atacam carentes

Seja ralé, pobre e gente
Enchem sacolas da nata
Resta a terra sem grão

PUNK OU PANQUE
O luxo do Panque é harmonia
Não erram em profecia
Escancaram portas da heresia
Contrariam a moral dos fiéis

Lixo é tudo em nossas mãos
Regra, lei e fala de então
Vozes abafadas pelo cadeado
Acorrentados em feia prisão

Unidos à trupe dos botas pretas
São eles que tocam nosso trompete
Miram encontrar tempos alegres

Jaqueta apertada e calça com cós
Fazem a revolta de nossos avós
Pensavam que a plebe não vingaria

CRIAS
Nasceu e brotou como uma flor
Na cama, na lapinha ou no andor
Não pediram para florescer
Tão belos frutos de um ato carnal

Modo mais sujo como chacal
Macios leitos deflorados
Procriar sem responsa e amor
Pura indecência de verme marginal

Deus-Filho do prazer e da alegria
Abençoa com simples ousadia
No grande escuro do amanhecer

Perfeição, deveras não existe
Extasiados, famintos e tristes
Podem ser a cria da glória total

DIVERGÊNCIAS
Não há esgotos, nem moradia
Males, doença e epidemia
Caso de descaso em evidência
Sem ação ou trato do poder estatal

Favela é o espaço do povo
Mantém suas belas misérias
Impostas pelo palácio central
Com bota, fuzil e metralha

Diferença concreta e deitada
Asfalto, pavimento e calçada
No morro aqui não chegaram

Covarde e falso profeta eleito
Cordão de ouro e prata no peito
Nosso cantinho sempre roubado

A BOLA
Não fala vamos, não grita gol
Jogo é apenas ledo engano
Trapaceia grandes estômagos
Dentro do âmago há coisa pior

Engodos, mentiras, impostos
Paga artistas de mero traço
Usa músculos e força bruta
Eu não me largo, eu não me mato

Chega ao final do grande jogo
Nervos, suor, cerveja e pratos
Tenta assim desembaraço

Procuram a real saída
Para crise que não varia
Na mente de povo bronco

MINHA TERRA
Lugar sereno, lugar pastoso
Sururu, gente por todo lado
Cheio de lama, odor e insetos
Deixa o povo inconformado

Recuperar nosso passado
Está difícil, desempregados
Tentam pegar tatu e preá
Pra matar a fome de esfomeados

É minha dama, é meu amor
Não tenho forças, grana não há
Não sei se vou, nem sei se fico

Quero mais uma cubana
Que acalente os meus ouvidos
Querida Havana, eu chego já!

VERMELHOS
Crimes, roubos e falências
Creio eu que há muito mais
Não há remédio pra excelência
Seu caráter é anormal

A serpente cheira coca
Traz grande arsenal
Larica com tapioca
Tem pavor de delação

Engraçado que a Corte
Máxima é a pena de morte
Mas não para o maioral

Bolinados e massacrados
Chegam ao Juízo Final
Amolecidos por vil cadeia

GOGÓ DA EMA
Em seus dias ensolarados
Noites de sol minguante
Na areia, beijos rompantes
Coqueirais a contemplar

O mar salgado nas raízes
Dores de homens errantes
não amam os seus como antes
Seus conterrâneos de cá

Em leitos de macias esteiras
Na beira atrás dos montes
Mulheres e belas maneiras

Terra com seus marechais
Com seus gogós magistrais
Nada de bom nos passou

MANDÍBULAS AFIADAS
Cidade bem ribeirinha
Na margem belas casinhas
Feitas por camponeses
Do grande senhor da senzala

Moderna é sua gente
Imperador indecente
Aproveitou tempo quente
Grande pirâmide gerou

Mentira é o problema
A noite tão serena
Fala-se em bom português

Ó, Piranhas querida
Tu és tesouro explorado
Tem que mudar tua história

DORALICE
Doralice, que país é este?
Continente de Sucuri
Chega bem de mansinho
Abarca a nossa alma

Querela em terra banguela
Onde canta o mais valente
Há cobras e delinquentes
Nos palácios de marfim

Golpeiam bem apertado
Rei, Rainha e soldado
É o sofrimento da plebe

Apesar da imponência
E de toda resistência
Nosso povo articulou

QUINTAL
Bem lá no meio da minha quadra
Tinha romã com seus pardais
Rabisco letras, também ideias
Vendo na lua meus menestréis

Fruta docinha tão delicada
Desenho bem belos castelos
Com a caneta em disparada
Noite de sol cruza meu cérebro

O dia finda e eu exausto
Estava eu tão inspirado
Ainda tenho o que fazer

Chego cedo à alvorada
E minha mente aliviada
O meu suor valeu a pena

GARRINCHA NÃO É MANÉ
Passarinho veloz e belo
É uma espécie Fulniô
Não aceita a gaiola
O infinito é seu louvor

Garrincha não é mané
Com suas asas tortas
Arrebenta janelas e portas
Seu gingado era trupe

Horizonte é a sua sina
Sempre para em cada esquina
Para encontrar um novo amor

Índio rebelde e curado
Dos males consagrados
O mundo o coroou

COROA DE FLORES
Não quero ramas de flores
Regalos caros sem valor
Muito menos uma coroa
Não seja vil, seu impostor

É coisa do Deus-Comércio
Raspa o bolso do diferente
Quando muito iniciado
Nessa tramoia farsante

Quem morreu se escafedeu
Não mais precisa de rosas
Muito menos de grinalda

Dancem e bebam vinho
Comemorem o passarinho
Que com Baco ele voou

MALOTE SEM DINHEIRO
Escrevo porque eu gosto
Senão, eu tenho um troço
Sou mala e sou malote
Repleto de harmonia

Não conheço nem de rima
Muito menos de partitura
Entretanto meu alvoroço
No caixote há um começo

Desperto por letras tortas
Acerto o meu compasso
Minha tensão, bela muleta

Espremo cada maço
Entre tempos de intervalos
Livre poema hei de compor

OLHOS DE ÁGUIA
Viver em tempos sombrios
Mergulhados em calafrios
A caçar um escafandro
Visão há de encontrar

Nesse mar de maremotos
Não podemos ter um treco
Nossos olhos são o foco
Que expurgam os cacarecos

Bem lá no alto do infinito
Onde moram anjos alados
Nós queremos sucumbir

Seja plano ou terra celeste
Seja campo ou cidade
Lume de águia vingará

DESTROÇOS
Manhã chega quebrada
Amores na noite varada
Corpos não se entenderam
Esse é o preço sem apreço

Pensa apenas em conquista
Macho diferente de fêmea
Mulher pensa a paixão
Tal qual uma eterna Deusa

Planeja apenas a carne
Homem é só vontade
De mostrar-se grosso viril

Entretanto bela contenda
Onde reina cumplicidade
O tal atleta foi descartado

SENTA O DEDO
Ao ver dedo nervoso
Dá vontade de amputar
Aponta pra tudo e todos
Eu contenho minha vontade

Sacanagem de tal persona
Assombra até na zona
Meretrício tem sua lei
Que desbanca nosso costume

Se julgado por marginais
Que a harmonia multou
Esse era nem mesmo capaz

Grande sentença de expurgo
Proferiu a malandragem
Um consenso: alcaguete sumiu

BOLÃO MALUCO
Gueto entregue à própria sorte
De substâncias não permitidas
Não sei se é descaso ou porte
A lógica imposta pelas milícias

Terreiro bondoso e faceiro
Pessoas alegres e gentis
Coração selvagem em pleno cio
Rude cidade não me fascina

Largados na base de uma igreja
Fala-se do morro, ovelha negra
Grande chacina, pura limpeza

Nossa voz não é tranqueira
Vamos lutar bem armados
Nossa garganta como metranca

DOIS LEÕES
Moro colina acima
Lá não tem gente peçonha
Povo em plena manha
Gana de ver justiça chegar

Mulher de olhos vendados
Finge ver, mas não tem fé
Estão assim abandonados
Queremos mais é lava-pé

Guerra de bichos medonhos
Um de toga, outro sem roupa
Trocam tapas e pontapés

Há saudade da grande era
Do globo ainda em formação
Não era mesmo odiosa quimera

QUEIXUME
Para gente acomodada
Palavrão é reclamar
Situação tão rejeitada
Silêncio é o termo fatal

Se reclamas do amigo
Pagarás com penitência
Se perturbas o inimigo
Baterás em continência

Mas não vá ficar calado
O teu peito está aceso
Lute agora ou já é tarde

Pra fagulhas do momento
Dispare o teu revólver
Pra afastar tão grande medo

LÍRIOS
Bela papoula amaciante
Veneno bom e tão calmante
Vistoso campo produziu
E minha mente despertou

Abre profundo horizonte
Floresce o infinito
Em uma viagem psicodélica
E eu em pleno desatino

Mas não é a tal doideira
Que dizem brotar da flor
Isso é mera fantasia

Uma agonia gostosa
Bichos, animais e plantas
Que estão a me cercar

NIÓBIO
Escava solo fértil
Destrói nosso chão
Produto tão imponente
Gera calor e combustão

O sonho de voar pra Marte
É apenas um pretexto
Matéria vendida ao preço
Por apenas um vintém

Massacra povo e terra
Dos arautos do progresso
Anuncia o fim do mundo

No fundo são retrocessos
Certo é que tudo incerto
Em verdade é um abscesso

ÍNDIA
Arrancaram minha cabana
Explodiram minha igreja
É a sanha do vil terror
Contra humilde camponês

Que ara e separa a terra
De onde colhe sustento
Suas preces são devotas
Sempre olha o firmamento

Mas as tralhas do poder
Tarefa agrária não há de ter
O martírio de meus matutos

A campana está armada
De coturno, também de farda
Galinha verde raptou a safra

KAMASUTRA
No deleite de quente ninho
Maratona de muitos nós
Malabares de todos os corpos
Não é coisa de um só

Braços laçam pernas
Bocas com seus suplícios
Esperam o armistício
Que o suspiro há de exalar

Mentes então molhadas
Pelos pingos do orvalho
Madrugada assim chegou

No começo da manhã
O amante em seu afã
Adormece tão devotado

BRECHA: O INTELECTUAL
Se ainda estivesse vivo
Brecht ficaria pasmo
Com um tal deputado
Que com piada o misturou

Disse Bertolt ser Brecha
Conhecido personagem
Criado pra sacanagem
Expurgo de toda arte

Ridículo o porco político
Quis ser falso imponente
Não estudou distanciamento

O pior que seu intento
Por anos e muito tempo
O povo se confundiu

REDOMA
Vivemos em um aquário
Justo, injusto, dúbio
Pensamentos antiquados
Questionam-se entre si

A contento vara a noite
Seja em casa ou na boate
Pronúncia não é seu forte
Alguns não sabem falar

Há nomeados inteligentes
Com princípios diferentes
Modernidade assim pariu

Mas tão belo caldeirão
Parece magia-bruxa
A preservar só confusão

REDEMOINHO
Somos todos passarinhos
Parecemos tsunamis
Suportamos calor e frio
Não alcançamos o arame

É na corda do equilíbrio
Bicho, gente, animais
Catam as finas migalhas
Sobrevive o mais ligeiro

Pensamos tão velozmente
Esquecemos quem ficou
É assim que o barco toca

Grande onda ultrapassada
Restou a terra fértil
Alado ser bateu as botas

MULUNGU
Não sugues bolinha tão deprimente
Na veia, na língua uma semente
Devasta sangue, corpo e pele
Mas não serás inconsequente

Planta faceira e rica em orgasmo
Do cérebro, da mente, do coração
Sempre em alerta, evite espasmos
Dose pequena marca o compasso

Ritmo frenético e delinquente
Olhe pra frente, nunca atrás
Cintilante avenida a percorrer

Grande balada de tua vida
É agitar, mas sem intriga
Louca viagem a deflorar

TURMA DO PEIXOTO
Lugar agitado, muito maluco
Tem música e alegria formosa
Que o povo gosta de ter
Terra sagrada e dengosa

Só não tem o que devia
Estrutura lá não existe
É o Estado em letargia
Mas a turba emergiu

Não deixa o marasmo assim
Tomar conta do descaso
O samba ainda tem vez

Vai haver som e pagode
Se vacilar grosso bigode
O barbeiro vai te tocar

OSTRACISMO
Tentam, tentam te banir
Mas teu brilho acintoso
Cintilante e luminoso
Não há como ofuscar

Forjam rixas sabotando
Tua arte é tão nobre
Eles querem, mas não podem
Te enviar para o exílio

Pintas como jamais se soube
O segredo de um artista
No calabouço da fantasia

No desterro tu não ficas
Porque a pátria querida
Não suporta tua ausência

NÃO SOU INGLÊS
Não sou galês nem irlandês
Pra roubar teu ouro preto
Se bem que há um jeito
De sangrar até morrer

Sem saúde nem educação
Canalha o primeiro-ministro
Com seus planos bem sinistros
Os teus fósseis a raspar

Sem impostos, com isenção
Brota roubo, corrupção
Assim nasce a quebradeira

Voltamos ao fogão a lenha
Pra cozinhar o que não há
Medonha tal rapinagem

CANSAÇO
Não quero mais saber de mim
Não podo a barba, não lavo o rosto
Todo dia é justo alvoroço
Com meus jardins a esperar

Minhas forças tão decaídas
O alimento sem proteínas
Como se fosse uma chacina
Alivia meu próprio ser

Às vezes tento me apaziguar
Contrários hão de resolver
Mas meus instintos são só fiascos

Tenciono uma guerrilha
Em desfavor das armadilhas
O meu prazer é ficar só

LAMBE PALCOS
Garboso tablado tão lustroso
Verdades, mentiras a inventar
Artistas simples e vitoriosos
Não suportam nem bajular

Ensaio aberto não é martírio
Tempo e espaço para sonhar
Não fantasia aquele tinhoso
Com sua gosma a lustrar

Sapato e rosto do Mandachuva
Estão tão podres e malcheirosos
Muitos boçais são os seus pares

Sucesso sem eco lá no proscênio
Infortúnio rasga desviado prêmio
Rasteira imposta foi expelida

LAMBE-BOTAS
Quartel de pobre é a senzala
Seja no morro até na mata
Não há canhão e nem fragata
Carroças são belos carrões

Se há vontade eu não sei
No meio do povo há um freguês
Ávido por limpar botinas
Casaco verde é o seu mal

Saliva tanto que só espuma
Baba vermelha e bem escura
Da cor do sangue de seu irmão

Cospe sempre aqueles troços
Destroços são a nossa herança
De tal palerma escravizado

ELITE
Delgada camada de classe
Que abarca grande renda
Espolia gente pequena
Com sadismo e sem remorso

Pensa grande com mesquinhez
Sabe jogar dama e xadrez
Para extirpar tão frágil gente
Não há caráter e nem vergonha

O correto é um termo absurdo
A verdade nem mesmo existe
Sacode o arreio, não é veludo!

Más criaturas de trágico saber
Plantam terror também malícia
Pois tal carma é esfalecer

CLASSE MÉDIA
Burro de carga dos seus senhores
Não mora no sótão nem no porão
Rastejam no meio da vadiagem
Traem os de baixo sem sermão

Faixa de errantes e perdedores
Sabem viver só de favores
Lambem sandálias dos maus pastores
Que sugam também o seu filão

Camada de incautos bem iludidos
Nem mesmo sonham com tal perigo
Sustentam a turma grande vilã

No afã de seguir o sonho querido
Estrato babaca agora vencido
Foi pro abismo da escuridão

METIDO A RICO
Tipo de gente tão esquisita
Trabalha e rala, mas para quem?
Consumo alheio é seu prazer
Querem comprar um mapa astral

Com férias vencidas não integral
Comprou um chapéu Panamá
Pensa em ser um magnata
Charuto de Cuba foi o seu mal

Quebrado esteve e só continua
Pensa estar tão abonado
Mas sua casa resta bem nua

O devaneio ainda implora
Chega a hora do ano final
Mas o soturno bateu as botas

VOTO MINERVA
A urna é como um tesouro
Não acredito em cédulas
Suga a crença e a medula
Indecente júri de malfeitores

Não conhecem, jamais viram
Seus semelhantes em agonia
Aproximando-se da rinha
Doando milho ao curral

Ratos graúdos que infestam
Caixões sujos e medonhos
Com seus retratos funestos

A via-crúcis danosa e imposta
Por elementos de puro nojo
Nossa nação já sucumbiu

CADELA RACIONAL
Minha Estrelinha, querida amiga
Não incomoda o seu amigo
Late, dorme, come e morde
É companhia do dia a dia

É muito estranho, mas vou dizer
Tenho por ela um grande apreço
Nosso quintal, mesmo endereço
É minha irmã, é meu igual

Estranho mesmo é o humano
Diz ser amigo muito legal
Bate nas costas etc e tal

Assim caminha a humanidade
Com sua face tão desleal
Querida amiga, doce Estrelinha

SETE A UM
Entrega, sim, tua pátria
Que jamais foi amada
Pelos teus vis comparsas
Agora também teus párias

Hilotas tão descarados
E combinados com ratos
Comem no mesmo prato
Tua fértil terra cedeu

Começou e largou a meta
Sem pensar no amanhã
A moral foi pro espaço

Sete a um foi muito pouco
Do nosso eterno sufoco
O mundo inteiro a gargalhar

SÓIS DE BRANCAS TREVAS
Tardes ensolaradas distantes, remotas
Queimam-me as entranhas tão desgastadas
De épocas e séculos em pura agonia
Tempos e eras de ocas verdades vazias

Palavras escarradas na face da velha morada
Tentam e encontram um túnel de luz
Meus sóis de raios negros e funestos
Não são o nirvana de meus ancestrais

Passam momentos de glória e história
Meus semelhantes procuram o confisco
De meus ideais com puras discórdias

O baque gelou meu corpo inteiro
A seiva rebelde que escorreu
Não houve consenso nem mesmo concórdia

HECATOMBE
Montanhas e montes em pilhas
Não são conglomerados de palácios verticais
Arquitetura jogada ao ostracismo
Desde outrora, legado de nossos pais

Hecatombe sentida na Índia, Malásia e Indonésia
Envenena mananciais, matas e belas falésias
Oriunda do choque entre castas e potências
Que provocam as diferenças entre povos iguais

Diante da realidade efetiva e concreto sentido
Barracos, cabanas, choupanas são nosso chão
Batido com mãos de nossa companhia

Periféricos são nossos prédios e moradias
Sem rumo nem mesmo justo controle
Nosso condomínio de peito pro mar

LIVROS
Símbolos, enigmas, pontos e vírgulas
São canhões, espadas, morteiros e bazucas
Devastam a rudez e a ignorância em voga
Malotes de doidos e loucos que vazam a ira

Prefácio, meio e fim de fatos devastadores
Para aqueles que desandam com febris pudores
Que não sentem o saber de arbustos floridos
Desovam e apavoram com amoras letradas

Palavras cruzadas rasgam mente e memória
Do valente guerreiro com santa bíblia pagã
Que respeita e tolera nossa caridosa missão

Ao correr os olhos pela última página
Labor prazeroso, também destrinchado
Mistérios profundos assim digeridos

THALIA
Nos deixaste nesse turbilhão de vergonhas
Sentias a mais podre e impura melancolia
Que te impuseram, minha inocente menina
Subiste ao mais sublime e distinto paraíso

Teu branco leite foi explorado pela própria carne
Sempre pensaram que violar-te fosse simples dança
Que os mortais gênios sujos impõem ao infante
Gemeste e imploraste clemência em seu martírio

Teu sorriso de macio semblante será sempre o mesmo
Não concederemos a ninguém te levar ao esquecimento
Porque foste, és e sempre serás um tesouro memorável

Thalia, nossa pomposa Dália de cuidados canteiros
Não chores minha pequena de tão curta estadia
Brilhante escalada aos céus é um alvo certeiro

EXPURGO GENEROSO
Injetam-me dejetos e nojeiras
Da banda enferma e debilitada
De homens que rangem dentes
Ao sentir o menor perigo de revés

Sorvem fluxo de termos esdrúxulos
Criaturas de inteiro teor e repuxo
Impõem ideias de fictício bruxo
E cortam meu peito e derretem a pele

Cordas, correntes de aço travam o pulso
Tento quebrar os grilhões que algemam
Exijo e imploro as chaves do vil cadeado

Um anjo vermelho adornado com estrelas
Não era soldado, muito menos coronel
Uma imagem alada eriçou meus ouvidos

AURORA SANGRENTA
Sem livros, sem notas, sem rotas, sem contos
Qual futuro gosmento e tortuoso nos espera?
Seres podres com bolas esvaziadas e necrosadas
Não são os pilares sonhados para nossa confraria

Desespero incontrolável expõe as fraturas
Nos crânios, fêmures e no centro da cervical
Espalham dor, tortura, angústia e pavor
Provocados pelos destros canalhas sádicos

Braços e mãos canhotas chegam ao alvorecer
Anunciam a aurora de horizonte sangrento
Contra ideias opacas, mofadas e enlameadas

É o sumo da mais pura e nobre casta fiel
Assombram fantasmas e visões depravadas
Que impelem paixões libertárias ao desconhecido

POETA INCANSÁVEL
Não há maré morta para o bom poeta
Exímio pescador de símbolos e enigmas
Sob o manto da mais leve sabedoria
Colhe peixes em árvores frondosas

Diante da tempestade em rotas tortuosas
O leme de tinta gira em disparada
Procura o desenho de linhas perfeitas
É o sonho do marujo de folhas e páginas

Encara receios e medos duradouros
Zela a proa e a distante popa
Controla e balança seu livro vindouro

A saga vital de engenhoso autor
Com suas memórias também visões
Exporta a beleza de formosa missão

GARGANTA PROFUNDA
Explodem fezes, esterco e estrume
Da bocarra imunda que cospe lama
Derramada em lençóis freáticos de ideias
Sujeiras e poeira vindas de um vaga-lume cego

Lógica da ignorância e do embaraço vendado
Que tenta encobrir a luminosidade que aflora
Do submundo subvertido de noção prateada
Que aquece e acolhe irmãos em tortura

Canal podre e carcomido por vermes velhacos
Ajuda criaturas petrificadas pelo vácuo
De uma fenda enraivecida pela ideia vazia

Lutaremos sempre contra esse orifício escuro
Que espalha e dissemina terror, horror e pânico
Nessa terra espoliada por funestas imagens

ARAGUAIA
Dilaceram e rasgam a carne do sonhador
Das seringueiras idealistas ricas em aderir
À luta diante do martírio causado por raptores
Que não captam a essência de jovens gênios

Guerreiros rubros fantasiam um todo livre
Banham-se às margens do Negro e do Solimões
Não são covardes, não apagam jovens recrutas
Semeiam justiça, liberdade, amor, paixões e bravura

Do jugo dos medalhados em cabresto forasteiro
Com batalhões pavorosos que executam patriotas
Cuja utopia vagueia nos canos de suas veias

Auxílio atendido ao som de maléficas trombetas
Naves, navios e locomotivas chegam à peça
Massacram nossos corados e valentes rebeldes

FURNAS
Encravadas nos alpes e nos montes
Belas covas, lindas grutas como abrigo
Fugiam da chuva, frio, calor e perigo
Briosa gente bravamente brotou

Caçavam o povo como troféu de caça
Sujeitos dementes dizendo-se crentes
Capitão-do-Mato, seu ajudante voraz
Tentava picar com veneno leproso

Em alvas crateras com facho de luz
Corpos bem mornos tão ajuntados
Clarão da aldeia que se traduz

Chicote, arreio e chibata não mais vingarão
Confiscamos o morro, a mata e o terreiro
Nem mesmo com chumbo irás expelir

A ARTE DE UMA SÓ
Arte não tem sexo, nem categoria
Classes rachadas em várias camadas
Aquela comendo caviar e coalhada
A outra sugando apenas uns grãos

Combate de audácia em tão alto estilo
Serpentes sufocam pequenos irmãos
Que colhem migalhas também farelos
Martelo da ordem divide o quinhão

A parte carnuda da pequena bolada
Doada que foi aos mais queridos
Com pompa, rojões e tantos sermões

O ponto miúdo da magrela herança
Não foi união nem mesmo aliança
Apenas a carta de viciados leilões

ELZA
Escalava montes e celestes montanhas
Deslizava ligeiro ao fundo abismo
Imaginava ser a estrela vermelha
Sedenta e cadente por tormentas de ideias

Cresceu no torrão de serra formosa
Leite e café uma mistura de ódio
Assombra o matuto e rasga a safra
Mantém assim o valor nacional

Menina sonhava que um dia o batente
Todos os tenentes fossem encampar
Um mundo bem justo e não desigual

Garota cresceu, tornou-se mulher
Verdade absurda nada mudou
Gesto profundo Elza entendeu

QUEM PARIU MATHEUS?
Vocês geram monstros e quimeras
Que embalem danadas feras
Esse jamais será meu ofício
A Caixa de Pandora está aberta

Bolsas de sangue em becos e vielas
Criaturas armadas de incisos com cautela
Sugam tuas veias e esfolam tua pele
Verme e vermicida vão reto para a plebe

Pensem com remorso em ações e atitudes
Vocês dizem ser sacras beatitudes
Mas não passam de uma corja de velhacos

O infante cresceu e tornou-se aberração
Engoliu a tudo, a todos e também bela porção
O seu Matheus declarou-se o próprio Deus

FARC (Força Armada da Real Camarilha)
Entregaste teu naco do fruto de bela união
Prometeste honrar tal bela menina
Mas ficaste de quatro perante o ladrão
Que doou belas roscas de grande valor

Leviano tu foste por abrir grossas coxas
A invasão da caverna era bem surreal
Tua ninfa tão justa ficou assustada
Pois a forma do tronco não natural

Agressivo e rasteiro fora o impostor
Prometeu carinho, praticou o horror
A tal camarilha restou devastada

A força armada vinda do estrangeiro
Não fora amiga, apenas bandoleira
Pistola de ouro enganou o nativo

NATAL
Crianças deitadas em berço esplêndido
Em terra de fome, secura e absurdos
Mercado de meninos em manjedouras
Repugnante e fingido negócio leproso

Querem carros, bonecas, brinquedos
Na tentativa imunda de espalhar a ilusão
Até mesmo inventam belos folguedos
Para maduros e imaturos em plena inanição

Festivo e garboso é o pano novo
Na mesa caldo, farinha e ovo
Tal qual na ceia do menino Jesus

Natalino vermelho é tempo doido e insano
Fulano e beltrano são bem servidos
Já os cicranos são apenas finos mendigos

PROFANAÇÃO
Minha pele é meu quente manto
Voraz sedução e sutil fraqueza
Não tens o direito de assediar
Tu não portas o passe ao paraíso

Não venhas dizer que te causei
Não tens as chaves do meu biombo
Vermelho e doce como uma amora
Regalo charmoso que não te pertence

Tentaste uma vez, eu recuei
Profanaste o buraco da armadura
Olhaste meu corpo pelo orifício

Visão da luneta improvisada
Feriste meu ser e minha morada
Violaste o Olimpo de uma Deusa

MANTA FUNESTA
Não me cubra com teus carinhos escuros
Apenas mostre-me tuas unhas sujas
Saberei então os lucros de tal parceria
Tua luz em avaria é apenas solidão

Não quero tuas rendas fúnebres e torpes
Fugirei de teus farrapos ensandecidos
Meu corpo, livrarei dos teus pecados
Teus caprichos tão reais, mas desonestos

Leito lamacento, ofereces como tenda
Nem mesmo teu amigo quer se aquecer
Pois sabe que jamais foste querida

Não estires tua alva carne impoluta
Em tal berço de inglória e traição
Viverás um longo tempo na história

FESTA DE LOUCOS
Me internaram em casa de matança
Órfãos amparados por meus braços gentis
Noites em claro, afago meus inocentes
Somos tudo, minha vida, sou indigente

Vago por corredores da doideira
Não sou pirado, apenas gentil maluco
Cérebro torto e deficiente como os demais
Hospício encorpado por farsantes e vis ingratos

Despovoada minha mente à deriva
Espero o sino do suspiro derradeiro
Eu não sabia se era essa minha sina

Os meus iguais pensam que perdi a razão
Esquecem eles, o abismo é apenas um vão
Passo adiante recordações com meus mistérios

POETA DE RUELAS
Figura atrevida remonta destinos
Revela visões em escuras vielas
Escreve revoltas com seu tinteiro
Charles ou Carlos é Deus-Mensageiro

Palavras afiadas, espinhos de cactos
Apenas espalha sua real vocação
Impõe suas falas, também seus discursos
Bucólicos devotos do completo sarcasmo

Vida sem eira com o pé na estrada
Assusta a cidade e seu povoado
Poeta estranhado, porém, elevado

Decidi enaltecer o grande gênio
Suas letras não mortas são minha chave
Oxigênio fluindo pelas veias da fronte



ISBN: 978-65-84128-10-1

Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa
ALAGOAS GOVERNO
SNC SISTEMA NACIONAL DE CULTURA
POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC DE FOMENTO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO